

Direcção: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

# O LUSITANO

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense  
Rua de Paio Galvão

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

## QUERELADOS!!

### CONSUMATUM EST!

Está salva a honra do Convento e os fradinhos democráticos, gordos e nédios, rosados e frescos, impam de alegria monacal, sorriem beatificamente, esfregam as mãos de místico contentamento e, passando pelo Priorado em mesura respeitosa, vão até à rua de Gil Vicente saudar o herói que teve o gesto de pretender obrigar-nos a meter a pena no saco, movendo-nos uma querela.

Triste gesto!!!

No dia 7 do corrente foi-nos apresentado pelo official de diligências deste juízo, sr. Teixeira Mendes, um mandado de intimação que, desculpando-se as traições da memória, diz o seguinte:

“O Dr. Manuel António Pinto de Rezende etc.

Mando que sejam citados António Dantas, filho, e António de Sousa, respectivamente director e redactor do periódico—“O Lusitano,, como presumidos autores do artigo publicado com os títulos—“O Tesouro da Colegiada,,—“O Futuro Museu de Arte Religiosa,,— publicado no número onze do mesmo periódico de vinte e cinco de agosto do corrente ano, para no prazo de três dias, posteriores à citação, prestarem em juízo as declarações que julgarem convenientes.

Cumpra-se.,,

Está datado de 1 do corrente, subscripto pelo escrivão do 5.º officio sr. Pires de Lima e assinado pelo M.º Juiz Pinto de Rezende.

Já esperávamos isto.

Já estávamos preparados para receber esta visita do official de diligências porque já tínhamos sido amigavelmente avisados pelo nosso impagável colega Alvorada.

Não podia vir mais a propósito.

Veio mesmo à mão de semear a tal querela, porque assim teremos ensejo de dizer em um tribunal, onde nos vai julgar um juri e a par dele a opinião pública, que nos acompanha de perto, aquilo que a nossa consciência nos ditar, não em nossa defesa, que não precisamos dela, mas para mostrarmos em toda a linha que sempre fomos coerentes, que sempre fomos verdadeiros, que sempre fomos PREVIDENTES, que sempre fomos honestos.

Benvinda a querela.

Benvindo o ensejo que ela nos proporciona de mostrarmos, de viva voz, que não nos intimidam ameaças, que não nos entorpecem basólias, que não nos fazem calar querelas quando temos por nosso lado a Razão, o Direito e a Justiça.

Sim, bisonhos frades. Seja benvinda a querela.

Não impeis de alegria, não esfregueis as mãos nem esboceis sorrisos.

Não exulteis. Sois parceiros em uma partida mal jogada.

A bravura do vosso herói há de cair em terra como as folhas no outono.

Não exulteis.

Estamos querelados?! E' o mesmo.

Não nos justificaremos aqui.

Não, nunca!

Emprazaram-nos para o tribunal?! E' lá que devemos encontrar-nos.

Para o tribunal?! Vamos lá.

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

## A DEFESA REPUBLICANA

Os republicanos, na sua grande maioria, são inimigos irreconciliáveis dos jesuitas, assim como a maçonaria o é da Igreja; no entanto aquêles estão pondo em prática uma perversa máxima que atribuem a estes, pôsto que falsamente, isto é, que os fins justificam os meios.

Para defender a república, como dizem, tudo julgam permitido. Não há lei que não quebrem, nem garantias que não desprezem, nem tropelias que não cometam. E para se justificarem, ou melhor, para evitarem responsabilidades criminais, alegam que os seus actos são para defesa da república e não há já autoridade que lhes toque, por mais censuráveis que sejam êsses actos.

Ora isto é duma imoralidade revoltante.

Embora o fim seja bom, nem todos os meios se podem empregar para o conseguir. Há meios e meios. Os meios que não sejam honestos, nunca se podem empregar, ainda que seja muito santo o fim que com êles se pretende atingir; do contrário, todos os crimes, ainda os mais abomináveis, teriam justificação, como o homicídio, o roubo, etc.

Esta é a única doutrina aceitável.

E demais, para que é êsse empenho tam ardoroso em defender a república? Que é o que pretendem defender? E' a república como um ideal de justiça, de fraternidade, de bem entendida igualdade? Se é, escusados são os meios extraordinários de defesa, porque não há ninguém que tenha o juízo em seu lugar, que seja contrário a uma república nessas condições. Ou o que querem defender, é a república que aí temos? Neste caso a melhor defesa que dela podem fazer, não está em violências, perseguições e enxovalhos para os seus adversários, mas em mostrar, por argumentos positivos, práticos, reais, que ela foi um benefício verdadeiro para a nação. Se, cotejados os benefícios da monarquia decaída com os do regimen agora vigente, se vir claramente que estes levam vantagem aquêles, quem será capaz de se rebelar contra a nova forma de govêrno?

Estamos em tempos de frio positivismo em que o que deve prevalecer não são as teorias ôcas, os devaneios de sonhadores românticos, mas as realidades práticas, as utilidades tangíveis, os proveitos imediatos.

A república melhorou, dum modo insofismável, a situação geral da nação sob os pontos de vista financeiro, económico, comercial, industrial, da paz e independência?

E' uma superfluidade estulta gastar esforços na sua defesa. Ela se defende por si mesma. Não há quem seja capaz de a deitar a terra.

Mas, se pelo contrário, ela veio agravar as grandes dificuldades com que já vivíamos, é uma loucura tentar defendê-la e desconfio bem que essa defesa, por mais vigorosa que seja, surta bom efeito.

Em vários pontos do país se teem constituído grupos de defesa republicana. Maus sintomas são êsses.

Esses grupos são superfetações doentias que forçosamente redundam em descrédito do regimen estabelecido.

Nunca simpatizei com a constituição da liga monárquica durante a rialeza. Foi um sinal de fraquesa e não deu os menores resultados.

Pois agora é de presumir que estejamos nas mesmas circunstâncias. Os grupos de defesa republicana são espeques de barro que não fortificam as instituições e antes as enfraquecem e desacreditam, se elas não forem o que devem ser.

A força dum regimen não está nesses artificios, nesses ruidos, nesses louvores que se fazem em volta dêles, mas no seu espirito de justiça e de rectidão, na sua conformidade com as aspirações da nação, na sua prudente e proveitosa orientação em ordem à felicidade colectiva.

Por mais grupos de defesa republicana que se formem, as instituições actuais não se consolidam melhor, se não tiverem por norma invariável e impreterível a moralidade sem deslises, a tolerância sem fraquezas, a liberdade sem desmandos. Elas próprias é que se hão de defender pela sabedoria da

sua governação, pelo acêrto das suas reformas, pela excelência dos seus principios.

Não há exército, nem policia, nem guarda republicana, nem carbonária, nem grupos de defesa que lhes valham, se elas por hábito se deixarem dominar de parcialidades e não procurarem, por meios convenientes, o bem geral.

P. A.

## Há intrigalhada!

## Há pseudo-republicanos!

### A intrigalhada, eis a questão! Os pseudo-republicanos, eis o inimigo!

Seguiu-se o sr. tenente Valdez, na defesa dos srs. Manuel e revd. José da Silva Castro. A sua competência, já revelada na forma como inquiriu as testemunhas do bro de surpresa quando o vimos numa frase quente e incisiva fazer a exposição do seu passado republicano, pondo em relevo o desvelado amor que sempre dispensou às instituições democráticas. Sabe o quanto produz a intrigalhada politica, porque tendo estado em Guimarães durante alguns meses em trabalhos de investigações, apreciou até onde chega o esforço de vingança exercido por pseudo-republicanos, como succedeu em Fafe.

(Do extrato do julgamento dos presos políticos de Fafe publicado pelo nosso presado colega O Jornal de Fafe, de 20 de Outubro findo).

Hoje, que a entrevista do sr. Tenente Valdez está finda, trasladamos para aqui aquelas linhas que veem levantar uma ponta do denso véu de mistério que envolve o caso, agora tornado fantástico, do tam falado *complot* monárquico de Guimarães.

Que havia intriga politica sabíamos nós.

Que se planeavam e punham em execução os mais torpes planos de vingança, disse-o bem alto este jornal.

Que havia pseudo-republicanos, republicanos de barriga, republicanos de ocasião e que êsses individuos eram perigosos, bradou-se nestas colunas.

Então ninguém quiz ouvir-nos.

Então todos os republicanos de Guimarães, com poucas excepções, aqueles que tinham obrigação de correr com os intrigantes, com os odientos vingativos, se voltaram contra nós, insultando-nos e dirigindo-nos as maiores grosserias, só porque tivemos o cuidado de auscultar com todo o critério vários elementos da guarda-costas dos democráticos e tivemos a coragem de dizer com altivez o que êles eram e do que êles são capazes.

Hoje vemos com infinito prazer que o sr. Tenente Valdez, o sr. promotor de justiça militar neste concelho, num arrebatemento pujante de verdade, declata em um tribunal, no templo sagrado da Justiça, que em Guimarães, onde esteve durante alguns meses em trabalhos de investigação, apreciou até onde chega o esforço de vingança exercido por pseudo-republicanos.

Isto é absolutamente esmagador. Isto é poderoso, insofismável e concludente.

S. Ex.<sup>a</sup> não podia apreciar sem ver, sem observar, sem sentir os efeitos dêsses esforços, e muito menos podia dizê-lo sem que esses esforços se empregassem junto de si, de forma que o habilitassem a adquirir completo conhecimento pessoal de que realmente existiram.

Porque S. Ex.<sup>a</sup> não se serviu do vago *constou-me*; antes profe-

riu um irrefutável e convincente **apreciei** que nos demonstra com a maior clareza, isenta de qualquer sombra de dúvida, que S. Ex.<sup>a</sup> viu êsses pseudo-republicanos, observou essas vinganças, sentiu os efeitos dêsses esforços porque o disse com toda a energia e com toda a lealdade perante um Tribunal de Guerra.

Não nos enganamos, como em nada nos temos enganado até hoje quanto ao decantado *complot*, quando dissemos aqui que **muito embora tal complot nunca houvesse existido havia quem tinha interesse em fazer acreditar que existiu**, como não nos enganamos também quando afirmamos que havia empenho em **fazer conspiradores** para assim se poderem exercer mais à vontade vinganças pessoais.

Então dissemos-lo — mas eramos tidos como suspeitos! — e logo correram a chamar-nos no trapo das quintas feiras nomes feios e a dizerem que vertíamos lágrimas de... *lama e puç* e que chorávamos os nossos *irmãos na traição*.

Imbecis!  
Idiotas!

Hoje repetimo-lo bem alto e já não podemos ser tidos como suspeitos, nem precisamos de verter lágrimas de *lama e puç* ou chorar os nossos *irmãos na traição*, correndo-nos o dever, e dever bem imperioso que êle é, de vertermos lágrimas de sincera compaixão e chorar os nossos irmãos que, mercê do esforço de vingança exercido por pseudo-republicanos, se encontram sem culpa sob ferros da república, porque nos baseamos nas palavras, que ninguém ousará pôr em dúvida, de um homem absolutamente insuspeito, que esteve aqui a investigar sobre crimes politicos, que lidou de petto com os tais pseudo-republicanos, um dos quais, em uma noite em que êle se referia ao caso da *Garage*, lhe deu como conselho que mandasse os presos srs. Aureliano e Mendes para Braga.

Estão de pé, erectas em toda a majestade do sentido que representam e do fundo de verdade que sobre elas reflete o período transcrito, as palavras aqui escritas — só com a diferença de que então fomos benévolo, na apreciação e hoje podemos ser mais severos bradando bem alto:

**Se S. Ex.<sup>a</sup> se prestasse a servir de ponto de apoio da intrigalhada politica e dos esforços de vingança que pseudo-republicanos quizeram exercer, metade da população de Guimarães estaria presa por conspiradora.**

Que dizem a isto os pseudo-republicanos todos felizmente do lado de lá do grande partido democrático?

E que dirão também aqueles que lhes davam palmas?

Pulhas!

A V. Ex.<sup>a</sup>, sr. Tenente Valdez, estas duas palavras:

V. Ex.<sup>a</sup> disse que apreciou a

intrigalhada politica e os esforços de vingança dos nossos pseudo-republicanos.

A rede dessa intriga e a densidade dêsses esforços era enorme; nós sabemos-lo e V. Ex.<sup>a</sup> sabe-o também.

¿ Não poderá ter-se dado o caso de alguns dos actuais presos politicos de Guimarães não terem podido escapar às malhas apertadas dessa rede e ao peso esmagador dêsses esforços?

¿ Não poderiam, apesar da profunda penetração e reconhecida imparcialidade de V. Ex.<sup>a</sup>, ter-se aproveitado meras coincidências, simples factos isolados com uma relação muito diferente daquela que as testemunhas lhes deram, como provas suppositórias de presumida culpabilidade?

Tem-se dado tantos casos dêsses...

A intriga e a vingança podem tanto...

Há anos foi cobardemente assassinado na sua quinta de Agra, freguesia de S. Torquato, deste concelho, o vimaranense Francisco Ribeiro Martins da Costa.

Agentes da policia do Porto e Braga puseram-se em campo para a descoberta do criminoso ou criminosos e ao cabo de minuciosas investigações encontraram um individuo que todas as circunstâncias apontaram como tal.

Tudo o condenava.

Umas calças manchadas com o sangue da vítima, uma camisa suja com terra no ombro direito onde encostou a espingarda, a espingarda cujo calibre era o mesmo da bala encontrada no cadáver, o resto de uma bucha de papel encontrada no local do crime que se adaptava perfeitamente a um papel de embrulho que tinha em casa e a que faltava o pedaço achado, tudo, enfim, fazia supor que êle era o verdadeiro criminoso.

Não havia ninguém que, lendo o processo, se não convencesse, em face das esmagadoras provas nêle contidas, que ali estava o autêntico assassino.

O homem protesta a sua inocência e fá-lo de forma tam convincente que cria em volta de si uma corrente de opinião favorável e dois juris, julgando mais por consciência do que pelo processo, dão o crime como não provado.

Tempos depois aparece o verdadeiro criminoso, que actualmente se encontra expiando o seu crime na Penitenciária, o que não obsteu a que o infeliz Julio de Campos, a vítima das suspeições, das coincidências, dos factos isolados, das intrigas e dos odios, passasse mil martírios nos cárceres, sofresse os apupos da multidão, o escárnio e as invectivas dos acusadores e gastasse os meios de fortuna que possuía, morrendo em uma miserável enxerga depois de ter estendido a mão pedindo esmola, êle que antes de o acusarem possuía recursos para viver sofredelmente.

¿ Não poderá dar-se o mesmo caso com alguns presos politicos de Guimarães, sr. Tenente?

¿ Não poderia V. Ex.<sup>a</sup> ter sido iludido na sua boa fé?

Tem-se dado tantos dêstes casos...

A intriga e a vingança podem tanto...

## Falta de espaço

Por falta de espaço, não publicamos algum original que temos em nosso poder, do que pedimos desculpa aos seus autores.

## Auto-ônibus

Informam-nos que, desde o começo da semana próxima e para comodidade do público, o *auto-ônibus* partirá desta cidade às 8 horas da manhã e de Braga às 3 da tarde.



## AVISO IMPORTANTE

Benjamin de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Toural, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam:— The Tagus—Spring—Kirmer Dura—Derby—Rateigh—Idial—Sirius, todas do modelo de 1912, de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos preços das fábricas, assim como todos os acessórios para as mesmas.

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22\$000 réis.

## Colégio

## Académico

Rua de S. Domingos, 19

## GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico  
Luis Gonzaga Pereira.

## TIP. MINERVA



## VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a cores, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. \* \* \* Trabalhos perfeitos e rápidos.

NOVA ESTANTE DE PEDAL  
COM  
**FRICÇÕES DE ESFERAS D'AÇO**  
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MÁQUINAS SINGER PARA COSER  
QUE VÃO DIRECTAMENTE  
DAS  
FÁBRICAS AO COMPRADOR  
VENDA ANUAL: 2.000.000 DE MÁQUINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER  
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM  
JÁ NAS  
MÁQUINAS  
PARA COSER

**SINGER**

MAIS  
APERFEIÇOAMENTOS  
NEM  
MECANISMO  
MAIS  
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.  
MAXIMA DURAÇÃO.  
MINIMO ESFORÇO  
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

## Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edifício dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

# O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha. (Ano. . . . .)	1\$200 rs.
Sem estampilha. (Semestre . . . . .)	600 "
Pelo correio. (Ano. . . . .)	1\$300 "
Pelo correio. (Semestre . . . . .)	650 "
Trimestre . . . . .	400 "
Estados U. de Brazil (ano) . . . . .	1\$600 "
Países da União Postal . . . . .	2\$000 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha. . . . .	20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas cada um . . . . .	100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra  
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesense

GUIMARÃES

# O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 22

Ex.<sup>mo</sup> Sr.